

Maria Helena de Moura Neves

O mundo da linguagem é o mesmo mundo da vida

Kharen Stecca

No início do mês de julho a Faculdade de Letras da UFG realizou o IV Simpósio Mundial da Língua Portuguesa. O evento reuniu os principais estudiosos da área para discutir questões sobre Linguística, políticas públicas para o ensino da língua e crescimento da língua portuguesa no cenário internacional. Em uma mesa histórica, os principais gramáticos da língua portuguesa se reuniram para definir suas gramáticas e mostrar seus trabalhos. Entre eles estava a professora Maria Helena de Moura Neves (UPM/Unesp/CNPq). Ela é a única mulher no Brasil a escrever uma gramática (*Gramática de usos do português*) e também a única a propor uma gramática de usos, feita a partir de um banco de dados com textos que mostram como o brasileiro utiliza a gramática em sua linguagem. O Jornal UFG entrevistou a professora que considera que a escola deve repensar o ensino da gramática, dando ênfase ao texto e permitindo a criação de "gatilhos" que permitam que o aluno entenda como a gramática funciona na prática.

Seu trabalho se baseia na gramática do falante, da prática. Há uma grande distância entre a gramática formal e a gramática de usos?

Uma não desmente ou critica a outra. É apenas outra maneira de chegar aos fatos da linguagem. Eu faço uma gramática de uso, trabalho com *corpus*, ou seja, banco de dados. Não trabalho com exemplos inventados. A gramática feita tradicionalmente apresenta os fatos e depois exemplifica. O que me interessa é que o aluno que vai estudar a gramática passe a entender um fato linguístico, não como um exemplo de algo que você já disse o que é, por meio de uma definição ou um exemplo criado. Meu foco é a linguagem, para que o uso seja cada vez mais eficiente, solto, criativo. Só se consegue isso quando se tem um gatilho e não um bloqueio. Se a pessoa estiver bloqueada, vai parar para pensar antes de se expressar e vai compor o enunciado sem criatividade. É preciso trabalhar a gramática da escola a partir da forma como a língua é usada. Eu não faço definições, porque

não adianta dizer que o *mas* é uma conjunção, por exemplo. Se o aluno repetir uma definição decorada, isso nada acrescenta, pois não foi ele que verbalizou o conceito. Fazer uma definição só é útil se isso for um meio de conhecer o que algo é. Se for um rótulo, não adianta nada. Para fazer minha gramática, usei um banco de dados, composto por textos escritos, da Unesp de Araraquara. É um *corpus* de 200 milhões de ocorrências de jornais, revistas, peças de teatro etc. Se eu quero estudar a linguagem, eu preciso saber como as palavras funcionam na minha língua.

Além da Gramática de Usos do Português, há outras gramáticas com esse foco?

Eu também participei da confecção da *Gramática do Português Falado*, coordenada pelo professor Ataliba Castilho, que é um conjunto de estudos gramaticais. Mas nesse caso o trabalho foi feito de uma maneira diferente, porque só temos o *Corpus* do Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro (Nurc), feito na década de 1970, de abrangência parcial. A princípio fizemos arti-



Carlos Siqueira

gos com o material levantado e só agora estamos publicando esse material em uma consolidação da gramática. Na hora de fazer um manual de gramática precisamos prever para o aluno que as categorias da língua não são engessadas. Colocar uma definição já de início não é o ideal, porque raramente uma definição servirá para tudo. Temos que ir construindo a conceituação, para aprender a lidar com aquilo. Se ativarmos a gramática se fazendo, percebemos que as palavras não se prendem a classes rigidamente delimitadas. Há uma ciência que dá certas possibilidades de verificar os deslizamentos categoriais e funcionais na língua portuguesa. Por exemplo, um substantivo à direita de outro substantivo adquire propriedades de um adjetivo, como em **cheque fantasma**. Uma obra gramatical tem de mostrar tudo o que a língua faz, senão, não é gramática. Se o aluno for testar muita coisa que dizem para ele sobre a língua, verá que não bate. É preciso fazer ver que a língua vai mudando, mas não funciona desregradamente, ela tem uma gramática que a rege.

Os professores hoje conseguem perceber essa necessidade de entender o uso da gramática na linguagem? E conseguem passar isso para os alunos?

Para entender essa necessidade, é preciso conhecer muito. É preciso estudar, ver parte por parte. Eu fui professora do ensino fundamental e médio, e sempre dei gramática com

o texto em cima da carteira, e eles adoravam. Quando o aluno examina motivadamente o texto, ele entende o funcionamento da língua e passa a escrever melhor. Ele bate os olhos no texto e capta as coisas, ao invés de ficar bloqueado. Se a gramática servir para bloquear o aluno, ao invés de ajudar atrapalha. Se ela servir para o aluno sentir como a língua funciona, ele vai se apropriando desse mecanismo criador. Ele vai com confiança, porque entendeu o que a língua pode fazer, e tem menos medo de se aventurar. Em um livro meu falo sobre livros que dividem o capítulo em "leitura", "interpretação" e "mundo da gramática", como se o mundo da gramática fosse diferente do mundo da linguagem. Esse é o grande problema. É a gramática que faz a linguagem, é ela que arranja as coisas. É ela que cria humor, que cria recados. Por exemplo, os cartazes dos últimos movimentos populares são uma amostra disso. Eles chegaram a achados muito interessantes, porque se trata de uma criação conjunta: alguém em uma certa hora capta melhor que outro um certo viés dos acontecimentos e encontra uma expressão feliz. Nós temos que fazer o mesmo, antenar o aluno continuamente para tudo o que se pode fazer com a linguagem.

Um comentário sobre os cartazes das manifestações é que eles se inspiraram amplamente em anúncios publicitários brasileiros.

Qual sua opinião quanto a isso?

Se na sala de aula criarmos condições de reflexão da linguagem, para que o aluno se aproprie dela, isso pode ser comparado à exposição de bons recados que os cartazes fizeram. O professor tem de usar também a sala de aula para que o aluno interaja com os textos, com as imagens, de modo que, ordinadamente, possa ajudá-lo a captar mais do que aquilo que as regras e as definições trazem. O que os anúncios fazem com o indivíduo, esse apelo natural, eu quero que a escola faça. O texto na sala de aula, o trabalho com linguagem na sala de aula, não tem feito regularmente essa permeação entre o leitor e o texto. Eu queria que a linguagem captasse a atenção do aluno.

Há alguns estudiosos que não concordam com o uso de estrangeirismos. Como a senhora vê o uso de palavras estrangeiras em nosso cotidiano?

Esse uso é natural. O que é imposto é que não é bom. Há casos especiais que eu talvez condene. Mas em outros casos é normal, principalmente nos casos em que uma palavra entra para algo que ainda não tem designação específica em nossa língua. Por exemplo, o verbo **deletar**. Você pode até usar **apagar**, mas se você quer dizer que você apagou com um botão, **deletar** exprime melhor a ideia. A língua que não incorporar nenhuma palavra estrangeira está morta, não é bom. Mas isso deve ser natural, não vir de cima.